



IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES



**EDUCAÇÃO DO CAMPO, DA FLORESTA E DAS ÁGUAS: RELATO
DE EXPERIÊNCIA SOBRE VIVÊNCIAS FORMATIVAS E SABERES
PEDAGÓGICOS CONSTRUÍDOS NA DISCIPLINA**

Elizete Rodrigues da Gama¹
Kelly da Silva Pinheiro²
Maria Rosimar da Silva³
Ketlen Bastos da Costa⁴
Raiziana Mary de Oliveira Zurra⁵

1

Resumo:

O artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido na disciplina *Educação do Campo, da Floresta e das Águas*, a partir da visita acadêmica realizada à Comunidade da Agrovila, em 1º de outubro de 2025. O objetivo foi aproximar a teoria estudada em sala de aula das práticas vivenciadas no território rural, evidenciando os processos de ensino e aprendizagem construídos na relação entre escola, comunidade e natureza. A pesquisa contemplou observações, entrevistas e a oficina pedagógica *Saberes que florescem: criar e recriar com materiais reutilizáveis e da natureza*, envolvendo professores, estudantes e moradores da comunidade. A análise das vivências e dos relatos revelou que a Educação do Campo constitui uma pedagogia da vida e da resistência, articulando saberes tradicionais e científicos em um mesmo território educativo. A horta escolar, o reaproveitamento de materiais e a valorização dos recursos naturais evidenciam práticas que fortalecem a sustentabilidade e a identidade comunitária. Conclui-se que a Educação do Campo, quando enraizada na realidade sociocultural e ambiental dos sujeitos, promove uma formação crítica, solidária e transformadora.

Palavras-chaves: Educação do Campo; Sustentabilidade; Saberes Locais.

1. Introdução

A Educação do Campo, enquanto movimento político e pedagógico, nasce das lutas e reivindicações históricas dos povos do campo por uma educação que reconheça o espaço rural não como lugar de atraso, mas como território de produção de vida, cultura e conhecimento. Nesse contexto, o presente relato de experiência fundamenta-se na visita

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. E-mail: erg.ped22@uea.edu.br

² Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UEA. E-mail: kdsp.ped22@uea.edu.br

³ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UEA. E-mail: mrds.ped22@uea.edu.br

⁴ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UEA. E-mail: kbdc.ped22@uea.edu.br

⁵ Professora da UEA. E-mail: rmzurra@uea.edu.br



**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

acadêmica realizada à Comunidade da Agrovila, em Tefé-AM, no dia 1º de outubro de 2025, como parte das atividades da disciplina *Educação do Campo, da Floresta e das Águas*, ofertada no curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST/UEA). A atividade teve como objetivo vivenciar práticas educativas e socioculturais que evidenciam a integração entre teoria e prática, bem como entre os saberes populares e os conhecimentos científicos, elementos constitutivos da Educação do Campo.

A atividade contemplou a observação da dinâmica comunitária, entrevistas com moradores, professores e estudantes da Escola Municipal Flora Agrícola, além do desenvolvimento da oficina pedagógica *Saberes que florescem: criar e recriar com materiais reutilizáveis e da natureza*. Buscou-se compreender de que maneira os saberes locais e as práticas agrícolas, pesqueiras e ambientais se articulam ao currículo escolar, à conservação da biodiversidade e à formação cidadã dos estudantes. Nesse processo, a Educação Ambiental foi compreendida não apenas como tema transversal, mas como eixo estruturante da aprendizagem e da formação humana.

O estudo permitiu observar que a escola do campo, mais do que um espaço institucional, constitui-se como território de pertencimento, identidade e resistência, no qual o ato de educar se integra à vida cotidiana e às experiências coletivas da comunidade. A articulação entre escola e comunidade revela-se fundamental para a construção de uma educação contextualizada, capaz de reconhecer os tempos da natureza, os saberes das famílias e os modos próprios de viver, produzir e aprender. A experiência reafirma, portanto, que a Educação do Campo representa uma prática de esperança (FREIRE, 1996), que floresce das relações entre os sujeitos, o território e a natureza, fortalecendo a formação humana, a cidadania e o compromisso com a sustentabilidade.

Este relato de experiência está estruturado em três seções. Na primeira, discute-se a Educação do Campo, da Floresta e das Águas como território de vida e de aprendizagem. Na segunda, apresentam-se os caminhos metodológicos da pesquisa, bem como os resultados e as discussões decorrentes da experiência vivenciada. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que sintetizam as principais reflexões e aprendizagens construídas ao longo da proposta.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

2. Entre a floresta e as águas: educação como território de vida

A Educação do Campo não se reduz a uma modalidade de ensino destinada às populações rurais, mas constitui-se como um projeto político-pedagógico que reconhece o território como espaço de vida, produção, cultura e construção de conhecimentos. Conforme defendem Caldart (2012) e Molina (2017), a escola do campo deve ser um espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual o processo educativo se orienta pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade e da emancipação humana.

Durante a visita à Comunidade da Agrovila, foi possível constatar que o campo se configura como um território educativo vivo, em que a aprendizagem ocorre em estreita relação com os ciclos da natureza. Como afirmou um dos palestrantes do vídeo estudado na disciplina, “a colheita não segue o tempo cronológico, mas o tempo da natureza”, metáfora que traduz a essência dessa proposta educativa ao valorizar o ritmo da vida, da terra e das experiências dos sujeitos.

A Escola Municipal Flora Agrícola expressa, em sua prática cotidiana, os princípios da Educação do Campo ao desenvolver projetos pedagógicos que articulam os conhecimentos científicos aos saberes tradicionais. A horta escolar, por exemplo, constitui-se em um espaço interdisciplinar de aprendizagem, no qual estudantes e professores cultivam alimentos, estudam os processos de germinação, aprendem sobre adubação orgânica e refletem acerca do uso sustentável dos recursos naturais. Essa prática evidencia a integração entre teoria e prática, entre o fazer e o pensar, concretizando o que Freire (1987) definiu como práxis: a ação-reflexão transformadora da realidade.

Além da horta, as práticas pedagógicas observadas incorporam elementos da floresta e das águas, evidenciando o potencial educativo dos recursos existentes na comunidade. A natureza torna-se, assim, uma extensão da sala de aula. Em respeito aos princípios éticos da pesquisa, optou-se pela utilização apenas das iniciais dos participantes entrevistados. O professor de Educação Física, identificado pelas iniciais A. C. B. (2025), relatou que “mesmo com a internet lenta e poucos materiais, a gente faz da floresta nossa sala de aula”, demonstrando que as limitações de infraestrutura são superadas pela criatividade docente e pelo vínculo estabelecido com o território. Essa postura pedagógica reflete o princípio da contextualização, característico da Educação do Campo como prática educativa emancipadora.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

Os relatos dos moradores, como o do senhor D., um dos pioneiros do assentamento, e de É. D., ex-aluna da escola, evidenciam a importância da memória coletiva e do sentimento de pertencimento na formação dos sujeitos. A fala do senhor D., ao lamentar o enfraquecimento do espírito de solidariedade que marcava os primeiros anos da comunidade, revela a necessidade de fortalecer a educação como espaço de reconstrução dos vínculos comunitários. Por sua vez, É. D. (2025), ao afirmar que “a gente precisa cuidar do que é nosso, preservar o que tem aqui e não deixar acontecer como nas cidades”, expressa uma consciência ambiental construída a partir das experiências vividas no território e fortalecida pela escola.

Nesse sentido, Arroyo (2004, p. 32) destaca:

A partir dessas marcas dos movimentos sociais e da dinâmica que imprimem ao campo, torna-se urgente rever o paradigma urbano, as estratégias de adaptação, a configuração de um perfil único de profissional. Torna-se urgente rever e ultrapassar políticas generalistas que se revelaram excludentes, negando a educação básica às crianças e aos adolescentes, jovens e adultos do campo, que destruíram a incipiente estrutura de educação rural e que deslocaram a infância, adolescência e juventude do campo de suas raízes culturais e de suas formas de socialização e sociabilidade.

Os relatos dos participantes, articulados às reflexões de Arroyo (2004), reforçam que a Educação do Campo ultrapassa a condição de política educacional, constituindo-se como um projeto formativo comprometido com a valorização da vida, da cultura e do território. Nessa perspectiva, aproxima-se da ideia de pedagogia do enraizamento (SANTOS, 2021), na qual o conhecimento se constrói a partir das relações entre a terra, a história, a cultura e as experiências coletivas. A escola, nesse contexto, assume o papel de mediadora de um processo formativo integral, valorizando o trabalho, a cultura, o meio ambiente e os saberes locais como dimensões indissociáveis da educação.

3. Caminhos da pesquisa e florescimento dos saberes: práticas, resultados e reflexões

A metodologia adotada neste relato de experiência fundamentou-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, articulando observação direta, entrevistas semiestruturadas e registros reflexivos. A abordagem orientou-se pela perspectiva etnográfica, possibilitando compreender a realidade da comunidade a partir da escuta e do diálogo com os sujeitos que nela vivem, trabalham e aprendem. A visita de campo contou com a participação de



**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

professores e acadêmicos, que atuaram na coleta de informações e no desenvolvimento de uma oficina pedagógica com enfoque na educação ambiental e na criatividade.

A oficina intitulada *Saberes que florescem: criar e recriar com materiais reutilizáveis e da natureza* teve como objetivo sensibilizar as crianças para o uso sustentável dos recursos naturais e para a importância da reutilização de materiais como prática educativa. Durante a atividade, crianças e professores confeccionaram brinquedos e jogos utilizando garrafas PET, tampinhas, folhas secas e sementes. A proposta, além de estimular a criatividade e o desenvolvimento da coordenação motora, promoveu reflexões sobre consumo consciente, sustentabilidade e responsabilidade ambiental.

Os resultados da experiência mostraram-se significativos, evidenciando o envolvimento coletivo, o entusiasmo das crianças e o fortalecimento dos vínculos entre a escola e a comunidade. O professor M. S. C. (2025) destacou que “a horta é dos alunos, são eles que plantam, colhem e cuidam. Aqui, a gente aprende na prática o valor da terra”. Esse relato evidencia os princípios da autonomia, do protagonismo estudantil e da aprendizagem contextualizada, elementos fundamentais da Educação do Campo.

A seguir, são apresentadas imagens que registram os principais momentos da visita técnica e da oficina pedagógica desenvolvida na Comunidade da Agrovila, evidenciando o envolvimento dos participantes e a riqueza formativa da experiência vivenciada.

Imagem 1: Oficina Saberes que florescem



Fonte: Gama, 2025.

Imagem 2: Jogo da velha com galhos



Fonte: Gama, 2025.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

Imagem 3: Pescaria no fundo de garrafa pet



Fonte: Gama, 2025.

Imagem 4: Alunos participando da oficina



Fonte: Gama, 2025.

Imagem 5: Criação de desenhos com folhas



Fonte: Gama, 2025.

Imagem 6: Horta do projeto: Horta na escola



Fonte: Gama, 2025.

Imagem 7: Oficina de pintura



Fonte: Zurra, 2025.

Imagem 8: Brinquedos de madeira



Fonte: Zurra, 2025.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

A análise das imagens e dos depoimentos evidenciou que as experiências vivenciadas na Comunidade da Agrovila despertam sentimentos de pertencimento, cooperação e responsabilidade socioambiental. A auxiliar L. (2025) destacou que “é bonito ver as crianças cuidando das plantas, aprendendo com a natureza”, ressaltando o valor da afetividade como elemento constitutivo do processo educativo. De modo semelhante, a funcionária R. É. (2025), ao rememorar a trajetória da comunidade, afirmou que “a natureza é o nosso bem maior”, evidenciando que a preservação ambiental está profundamente vinculada à identidade, à memória coletiva e ao modo de vida da população local.

Os relatos corroboram as observações realizadas durante a visita, demonstrando que as práticas pedagógicas desenvolvidas na Agrovila transcendem a transmissão de conteúdos escolares. A educação vivenciada nesse contexto promove a construção de valores éticos, sociais e ambientais, articulando conhecimentos científicos e saberes populares em uma perspectiva contextualizada. O território, portanto, deixa de ser apenas o cenário da aprendizagem para constituir-se como elemento formador, onde a relação entre escola, comunidade e natureza fortalece a identidade dos sujeitos e amplia as possibilidades de construção do conhecimento.

A horta escolar, as oficinas pedagógicas e as atividades desenvolvidas com materiais reutilizáveis evidenciam que a Educação do Campo se concretiza por meio de práticas que valorizam o trabalho coletivo, a sustentabilidade e o respeito aos ciclos da natureza. Essas experiências favorecem o protagonismo dos estudantes, estimulam a consciência ambiental e fortalecem o compromisso com a preservação dos recursos naturais, transformando a escola em um espaço de aprendizagem significativa e de formação cidadã.

A experiência também revelou que, mesmo diante de limitações estruturais, como o acesso restrito à internet e a escassez de recursos didáticos, a comunidade escolar mantém práticas educativas criativas, contextualizadas e comprometidas com a realidade local. Essa capacidade de ressignificar desafios aproxima-se da concepção freireana de práxis, compreendida como a união entre ação e reflexão na transformação da realidade. Como afirma Freire (1996), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Na Agrovila, essa comunhão manifesta-se nas relações construídas entre escola, comunidade e natureza, reafirmando a Educação do Campo como uma prática educativa comprometida com a emancipação

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

humana, a valorização dos saberes do território e a construção de uma sociedade mais justa, solidária e ambientalmente sustentável.

4. Considerações Finais

A experiência vivenciada na Comunidade da Agrovila reafirma que a Educação do Campo é, antes de tudo, uma educação que brota da terra e floresce nas relações humanas. A visita, as observações e a oficina pedagógica permitiram compreender, de forma sensível e concreta, que o campo é um território de saberes e que a escola, quando enraizada nessa realidade, torna-se espaço de emancipação e esperança. As práticas observadas na Escola Flora Agrícola, como a horta escolar, o reaproveitamento de materiais e as atividades de educação ambiental, demonstram que é possível fazer da escassez um terreno fértil para a aprendizagem criativa e crítica.

As vozes dos professores, funcionários e moradores revelam uma sabedoria construída na convivência com a natureza e um compromisso coletivo com a preservação ambiental e cultural. Nessa perspectiva, a Educação do Campo se consolida como pedagogia do pertencimento, do cuidado e da resistência, em que o conhecimento se faz ação transformadora e o aprendizado floresce da vida concreta. A horta escolar, nesse contexto, é mais que um projeto pedagógico: é metáfora da própria educação, um espaço de semear, cuidar, esperar e colher.

Dessa forma, a Educação do Campo da floresta e das águas ensina que educar é também cultivar. Cultivar valores, vínculos, memórias e esperanças. É compreender que o ato educativo, quando enraizado na realidade e movido pelo diálogo, transforma tanto o sujeito quanto o território. Assim, a experiência na Agrovila reafirma o papel da escola do campo como semente de futuro, capaz de florescer mesmo entre desafios, nutrindo gerações com os frutos do conhecimento, da solidariedade e do amor à terra.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação básica e movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 65-86.



**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 nov. 2010.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo. **Trabalho Necessário**, Niterói, ano 2, n. 2, 2004.

CALDART, Roseli Salete et al. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257-265.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e o processo de formação de educadores: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (Org.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

SANTOS, Edjaldo Vieira dos; SANTOS, Arlete Ramos dos. **Gestão democrática e a construção do projeto político-pedagógico das escolas do campo: identidade cultural, saberes locais, relações com a terra, meio ambiente, agroecologia e diversidade**. Curitiba: CRV, 2024.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**



10